

O ATO DE ESCREVER E DE SE REESCREVER: EM FOCO RAQUEL DE QUEIROZ E CONCEIÇÃO EVARISTO

Luane Tamires dos Santos Martins¹

Orientadora: Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira

Resumo: A seguinte pesquisa, em sua forma inicial, visa investigar e refletir sobre o perfil das escritoras Conceição Evaristo e Rachel de Queiroz, considerando suas trajetórias literárias e de vida. Para tanto pretendemos levantar a bibliografia e biografia das mesmas, destacando temáticas mais recorrentes e textos que tratem do ato de escrever. Ainda nos utilizaremos de um referencial teórico condizente com a crítica cultural, com os estudos feministas, de gênero e literários. Desta forma, pretendemos averiguar o percurso das escritoras, nos seus diversos contextos, na conquista deste lugar outrora negado à mulher. Por fim, esperamos contribuir, pelo viés da crítica cultural, com os estudos sobre literatura de autoria feminina no Brasil.

Palavras-Chave: Mulher escritora. Ato de escrever. Crítica Cultural. Crítica Literária.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar o projeto de pesquisa para o Mestrado em Crítica Cultural, cujo tema é a escrita feminina e ainda encontra-se em fase inicial de abordagem e construção.

Para começar esta apresentação, faz-se necessário discorrer um pouco sobre o que me levou a pesquisar literatura de autoria feminina. Nesta perspectiva, ao cursar Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia (UNEB-CAMPUS II/Alagoinhas), deparei-me com os estudos sobre gênero e comecei a refletir sobre o fato de que a maioria dos livros que li eram escritos por homens.

Iniciei como pesquisadora da área de gênero em 2010, com o subprojeto de Iniciação Científica (IC), intitulado *O lugar da literatura nas pesquisas de gênero*, orientado pela professora Jailma Pedreira, chegando à conclusão que as pesquisas de literatura tem cada vez mais focado temáticas sobre gênero, o que significa que o próprio campo literário tem sofrido uma significativa abertura, quando correlacionado, pela perspectiva do gênero, aos Estudos Culturais e suas interfaces (raça, identidade, economia etc).

Desta maneira, em 2011 iniciei outro subprojeto de pesquisa de IC, mais um vinculado ao projeto coordenado pela mesma orientadora. Com este subprojeto voltei-me à identificar, em termos sucintos, quais bibliotecas escolares (municipais e estaduais) do município de Alagoinhas possuíam livros de autoria feminina e quais políticas públicas existiam voltadas para tais bibliotecas, principalmente no tocante a produção/circulação/leitura de livros de autoria feminina. Este estudo

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Bolsista CAPES.

foi ampliando na pesquisa monográfica intitulada *“Literatura de autoria feminina em bibliotecas/salas de leituras escolares de alagoinhas.”*

Sendo assim, abordando a escrita de autoria feminina na perspectiva do Gênero verificamos a proporcionalidade dos livros de literatura, presentes no acervo, que foram escritos por autoras, em relação aos de autores, considerando o espaço das salas de leituras e bibliotecas pesquisadas em quatro escolas de Alagoinhas. Dessa forma, chegamos à conclusão que havia mais livros de autoria masculina que de autoras. E dos livros de autoras encontradas, raros eram de autoras não canônicas.

Em meio a tais pesquisas, percebi que no meu repertório pessoal de leitura havia poucas autoras e fui em busca de leituras de autoria feminina. Diante de alguns livros escritos por mulheres que tive a oportunidade de ler, deparei-me com obras de Raquel de Queiroz e Conceição Evaristo. Ao ler o livro *“Insubmissas Lágrimas de Mulher”*, uma coletânea de contos da autora Conceição Evaristo, pude observar uma linguagem objetiva e cativante que trazia como protagonistas dos contos mulheres que passam por diversas situações conflituosas em suas vidas. Nessa mesma perspectiva, o livro *“Memorial de Maria Moura”*, de Raquel de Queiroz, também apresentava como protagonista uma mulher, Maria Moura.

Essas duas narrativas citadas acima chamaram-me a atenção uma vez que, fora do que habitualmente estava acostumada a ler, estava diante de escritoras que tratavam em seus escritos sobre a mulher. Não era mais uma visão de um autor, estava diante de mim a oportunidade de ler como uma mulher retrata a si mesma ou a outras.

Apesar de a escrita feminina ter sido invisibilizada e silenciada desde os séculos passados, isso não quer dizer que as mulheres não tenham escrito literatura ou que não escreveram. E, principalmente, as escritoras negras, como é o caso de Conceição Evaristo.

Desta maneira, a problemática desta pesquisa nos faz questionar: como se configura o perfil das escritoras literárias Raquel de Queiroz e Conceição Evaristo, considerando suas trajetórias literárias e de vida? Como objetivos gerais e específicos, pretende-se investigar e refletir sobre a escrita feminina e a própria construção do *“ser escritora”* nas obras das autoras em questão, considerando suas trajetórias literárias e de vida; averiguar o percurso das escritoras no que concerne a historiografia literária; pesquisar e analisar a bibliografia e biografia das autoras; investigar e refletir sobre a presença de temas relacionados ao ato de escrever, à mulher escritora e escrita feminina, e, ainda, averiguar e discutir sobre as possíveis violências (simbólicas ou não) que as autoras sofreram na construção do *“ser escritora”*.

GÊNERO, LITERATURA E CRÍTICA CULTURAL: ALGUNS FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Sabemos que, historicamente, o lugar e o papel da mulher na sociedade foram categoricamente frisados como inferiores ao do homem. A sociedade, construída nos moldes do patriarcalismo, refreava e silenciava qualquer expressão política, teórica ou artística oriunda das mulheres. Se a mulher não era vista como sujeito da Ciência, conseqüentemente ela também não poderia ser vista como sujeito leitor, crítico, reflexivo, ou até mesmo como sujeito capaz de escrever. Dessa forma, tornavam invisível também a escrita da mulher e as representações sobre as mulheres na literatura davam-se basicamente por meio da autoria masculina.

Já os estudos teóricos sobre mulher ascenderam no espaço acadêmico a partir de 1968, como nos afirma Guacira Lopes Louro (1997). A mesma autora ressalta que:

Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como conseqüência a sua ampla *invisibilidade* como sujeito da Ciência. (LOURO, 1997, p.17, grifo meu).

Sendo assim, não precisamos fazer muitos esforços para perceber a exclusão concernente à produção literária feminina, basta, reflexivamente, nos perguntarmos quantas autoras consideradas canônicas e quantos autores estudamos durante o nosso Ensino Médio. E se nos aprofundarmos ainda mais nessa reflexão e nos perguntarmos sobre as escritoras negras, provavelmente, não nos lembraremos de muitas, isto se conseguirmos nos lembrar de alguma. Reis (1992) ainda nos alerta que ao lermos e questionarmos um texto literário considerado canônico não se pode deixar de refletir sobre as circunstâncias históricas em que o mesmo foi criado e que, provavelmente frente a essas circunstâncias, indivíduos dotados de poder atribuíram ao tal texto o valor de “literário” em relação a outros, tornando-o um cânone. Segundo o autor supracitado a canonização literária é dotada de interesses ideológicos de dominação, poder e exclusão.

Nessa perspectiva, adentrar o espaço do cânone tem sido luta constante de nossas escritoras, principalmente as escritoras negras. Para Ramalho (2011) a escritora feminina somente assume uma consciência de sua condição de mulher diante de uma sociedade patriarcal a partir do século XX e isto vai refletir nos seus textos. Para a autora, diversas escritoras do século XIX acabaram reproduzindo muitos dos valores patriarcais em suas obras.

Ainda sobre a escrita feminina, é pertinente frisar o que nos diz a autora Carmen Catiz-Montoro (1999), em seu artigo *Feminismo radical e o lugar da nova mestiça*, que discute sobre a neutralidade dos sexos, desconstruindo o equívoco de considerar igualdade e uniformidade como sinônimos. Segundo Catiz-Montoro, essa crença de que homens e mulheres são iguais e possuem os mesmos direitos tem causado grandes controvérsias no meio social e para a autora faz-se

imprescindível compreender que em qualquer país “as mulheres ainda não são iguais aos homens”. Catiz- Montoro apresenta-nos o conceito de “opressão – sistemática” em que o foco dessa falsa igualdade entre mulheres e homens é colocado somente nas mulheres que possuem alguma posição social considerável e elas mesmas acabam acreditando que exemplos isolados e minoritários representam a maioria.

Para a autora, enquanto as mulheres não se conscientizarem das diferenças que existem entre as mesmas, será impossível promover alguma mudança no sistema, uma vez que quando uma minoria feminina assume alguma posição privilegiada no sistema social e econômico acabam por vezes reproduzindo o padrão de opressão que paradoxalmente lutam contra há muitos anos. Isto por acreditarem que as oportunidades de outras mulheres galgarem o mesmo *status* estão disponíveis e são diversas, restando apenas a tentativa e o esforço.

Questionando sobre as diversas formas de opressão feminina, a autora afirma que o governo não encoraja outras formas de criatividade feminina, como por exemplo, a escrita. Para Catiz-Montoro quando se permite a mulher falar ou escrever, sua produção é menosprezada, considerada como de categoria inferior. Consoante à abordagem supracitada, escrever da perspectiva feminina sempre foi um desafio, tanto para enquadrar-se quanto para resistir às pressões e lutas pelo espaço criado por e para os homens.

Nesta perspectiva, não podemos falar de escrita literária, sem antes pensar em uma concepção de Literatura, bem como tentar situá-la na perspectiva da crítica cultural. Discorrer sobre obra de Literatura, não é uma tarefa fácil devido à complexidade do termo e a amplitude daquilo que denominamos Campo Literário. Para Jorge Wanderley (1992, p. 253) definir Literatura é complexo uma vez que esta “se confunde com a definição do poético e da beleza.” Desta maneira, em consonância com o mesmo autor, a definição de Literatura no tocante ao dicionário é praticamente “impossível” (WANDERLEY,1992, p. 254). O autor Antonie Compangon (1999), por sua vez, afirma que, em um sentido amplo, literatura é compreendida como aquilo que é impresso, todos os livros de uma biblioteca e, no sentido restrito, afirma que as implicações sobre o termo variam de época para época. O que os autores em questão concordam é que a Literatura produz um efeito no sujeito que a ler, um sentido que se completa nas entrelinhas do texto literário a partir da subjetividade leitor.

Consoante Culler (1999) “os estudos culturais incluem e abrangem os estudos literários” (CULLER, 1999, p. 49). Sendo assim, buscando refletir sobre a relação entre os Estudos Culturais e os Estudos Literários, observamos que em *Literatura e Estudos Culturais*, Jonathan Culler (1999) apresenta questões relevantes sobre o interesse dos estudos culturais, apresentando, de início, a

genealogia dupla dos estudos culturais modernos: a primeira marca genealógica, é a do estruturalismo francês dos anos 60, cujo representante é Roland Barthes, e a sua atividade implicaria na desnaturalização daquilo que foi considerado natural; e a segunda é a teoria literária marxista na Grã – Bretanha, tendo como representantes Raymond Williams e Richard Hoggart. Desse movimento genealógico os principais objetivos são a resignificação e consideração da produção marginalizada, a análise da cultura de massa e a proposta de dar visibilidade aos povos considerados “sem cultura.”

Culler (1999) trata também do conflito entre os “Estudos Culturais” e os “Estudos Literários”, uma vez que, para alguns autores os “Estudos Culturais” poderiam “sufocar”, “matar” os “Estudos Literários”. Culler (1999) afirma e demonstra justamente o contrário, pois para o autor os Estudos Literários podem “ganhar” na relação com os Estudos Culturais, uma vez que a literatura, na perspectiva cultural, é compreendida como uma prática cultural específica e as obras são vinculadas a outros discursos.

Esses textos, entre outros, já nos levam a refletir sobre como mulheres escritoras puderam adentrar o espaço criado por e para homens, sobre como seus textos, suas reflexões, denúncias e proposições levaram, por exemplo, Raquel de Queiroz a tornar-se participante da Academia Brasileira de Letras, e Conceição Evaristo, enquanto mulher e negra, ter os seus textos literários e a sua biografia sendo estudados por acadêmicos contemporâneos.

PRIMEIROS PASSOS: RAQUEL DE QUEIROZ E A LITERATURA MODERNISTA

Já nos é sabido que as autoras em questão fazem parte de períodos históricos diferentes e, considerando a periodização literária, escolas literárias diferentes. Enquanto Raquel de Queiroz é comumente enquadrada no período da historiografia literária denominado Modernismo, Conceição Evaristo faz parte do que a crítica atual costuma chamar de “contemporâneo”.

A princípio, nos deteremos a refletir um pouco sobre esse período denominado de Modernismo, no que diz respeito ao que alguns críticos literários abordaram a respeito de Raquel de Queiroz. O período Modernista, resumidamente, é caracterizado pela ruptura com os modelos parnasianos e o seu estopim é relacionado à Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922.

Os críticos literários Antônio Candido e José Aderaldo Castello (1975), no terceiro volume do livro *Presença da Literatura Brasileira*, abordam sobre os fundamentos do Modernismo brasileiro e doravante apresentam uma breve biografia sobre autores modernistas e fragmentos que exemplificam suas obras. Neste volume, encontramos destacados vinte e dois autores, como por

exemplo, Jorge Amado, Manuel Bandeira e Oswald de Andrade; e duas autoras, Cecília Meireles e Raquel de Queiroz. Sobre esta última, nos deteremos em descrever a crítica dos autores.

Cândido e Castello (1975) dissertam de uma forma breve sobre a biografia e a bibliografia da autora em questão, afirmando que, no tocante a prosa, uma das correntes mais importantes foi a regionalista, corrente que tem como representante Raquel de Queiroz. Segundo os mesmos, a escritora nasceu em Fortaleza (1910), diplomou-se em 1925 e ingressou no jornalismo, lançando seu livro de estreia, *O Quinze*, em 1930. Os autores ressaltam que nos romances *O Quinze* e *João Miguel*, a autora se apoia na análise psicológica dos personagens, especialmente no tocante ao homem nordestino, ainda afirmam que tanto nestes, quanto nas suas demais obras regionalistas, a autora vale-se de uma linguagem enriquecida pela escolha acertada do vocabulário e pela técnica do diálogo.

Referente à bibliografia da escritora, os autores destacam os seguintes textos, por ordem cronológica de lançamento, indicando entre parênteses as crônicas e os textos teatrais: *O Quinze* (1930), *João Miguel* (1932), *Caminhos de Pedra* (1937), *As Três Marias* (1939), *A Donzela e a Moura Torta* (Crônicas, 1948), *Lampiã* (Teatro, 1953), *100 crônicas escolhidas* (1958), *A Beata Maria do Egito* (Teatro, 1958), *O Brasileiro perplexo: histórias e crônicas* (1963) e *o Caçador de tatu* (Crônicas, 1967).

Alfredo Bosi (1994), por sua vez, em *História Concisa da Literatura Brasileira*, dedica dois capítulos sobre a escola literária modernista e neles apresenta uma breve nota biográfica sobre os autores e tece alguns comentários sobre as obras dos mesmos e o estilo que os caracteriza. No primeiro, ele descreve os adventos do Pré-modernismo e do Modernismo até a década de 30. No outro capítulo, intitulado *Tendências contemporâneas*, o autor disserta sobre os autores que se destacaram no Brasil após a década de 30, período considerado pelo mesmo como “contemporâneo” ponderando até os dias atuais. É neste período que, para o autor, Raquel de Queiroz estaria enquadrada no que se refere à periodização literária. Sobre o motivo de usar o termo “contemporâneo”, o autor justifica-se dizendo:

[...] 1922, por exemplo, presta-se muito bem à periodização literária: o ano de 1930 evoca menos significados literários prementes por causa do relevo social assumido pela Revolução de Outubro. Mas, tendo esse movimento nascido das contradições da República Velha que ele pretendia superar, e, em parte, superou; e tendo suscitado em todo o Brasil uma corrente de esperanças, oposições, programas e desenganos, venceu fundo a nossa literatura, lançando-a um estatuto *adulto* e *moderno* perto do qual as palavras de ordem de 22 parecem fogachos de adolescentes. Somos hoje contemporâneos de uma realidade econômica, social, política, e cultural que se estruturou depois de 30 (BOSI, 1994, p. 383, grifo do autor).

Sendo assim, em relação ao primeiro capítulo o autor destaca quatro autores pré-modernistas, e onze autores modernistas. Destes, não há representantes femininas. No segundo capítulo, Bosi destaca dezoito autores e três autoras: Cecília Meireles, Clarice Lispector e Raquel de Queiroz.

Sobre Raquel de Queiroz, Alfredo Bosi tece alguns comentários a respeito de quatro romances da escritora, ressaltando que *O Quinze* e *João Miguel* estão inseridos na ficção regionalista, enquanto, *Caminho de Pedras* seria um romance de cunho conscientemente político, mas também populista por situar as “personagens pobres ‘de fora’, como quem observa um espetáculo curioso, que eventualmente, pode comover.” (BOSI, 1994, p.396). Já o romance *As Três Marias*, seria de cunho psicológico.

Sobre o caráter ideológico da autora em questão, Alfredo Bosi ressalta que a mesma é um tanto paradoxal, mas que tal paradoxo pode ser facilmente compreendido considerando a influencia do momento tenentista nacional que a teria condicionado. Desta forma, a mesma apresenta-se revolucionária, em 1930; sentimentalmente liberal e esquerdizante, no período da ditadura; e por fim, defensora das raízes do *status quo*.

Em relação à bibliografia de Raquel de Queiroz, o crítico literário referido acima, destaca, cronologicamente, no gênero ficção: *O Quinze* (1930), *João Miguel* (1932), *Caminho de Pedras* (1937), *As Três Marias* (1939), *O Galo de Ouro* (1950), *Dora Doralina* (1975) e *Memorial de Maria Moura* (1992); no teatro: *Lampião* (1953) e *A Beata Maria do Egito* (1958); e na crônica: *A Donzela e a Moura Torta* (1948), *100 Crônicas Escolhidas* (1958), *O Brasileiro Perplexo* (1963) e *o Caçador de Tatu* (1967).

Desta maneira, com base em tais constatações, podemos começar a refletir sobre desproporcionalidade entre o número de escritores mencionados, resenhados e caracterizados pelos críticos aqui mencionados, em contraste com o número de escritoras. Além disso, vale-nos questionar também se como representantes femininas da escrita literária modernista, teríamos tão somente Cecília Meireles, Clarice Lispector e Raquel de Queiroz, bem como, o que teria sido considerado nestas escritoras, mais especificamente em Raquel de Queiroz, que as fizeram ser “contadas” nestas historiografias da Literatura Brasileira.

CONSIDERAÇÕES EM ANDAMENTO

Com base no exposto, considerando a produção literária de Raquel de Queiroz e Conceição Evaristo, que não tratamos aqui, pois ainda estamos em fase bem inicial, torna-se relevante indagar

como estas autoras literárias se constituíram enquanto escritoras de literatura. Além disso, nos inquieta pensar também se e como tais autoras representam em suas obras o que compreendem ser a escrita feminina, ou, como as mesmas representam a escritora, ou a si mesmas enquanto escritoras literárias. É importante também refletirmos sobre quais os impasses, as violências simbólicas (ou não) que estas autoras sofreram ao longo de suas trajetórias literárias. E que escrita é essa? Existem marcas que possamos identificar essa tal “literatura feminina”?

Desta forma, vale ressaltar que através dos diversos movimentos sociais feministas, das discussões sobre Gênero, de uma crítica literária feminista e da própria discussão dos Estudos Culturais, a literatura feminina tem surgido aos poucos nos espaços que anteriormente haviam sido negados às mulheres. Um exemplo disso é a presença de autoras, como Raquel de Queiroz, na Academia Brasileira de Letras e, ainda que de forma parcial, em historiografias literárias. Destarte, o presente projeto torna-se pertinente, uma vez que, busca estudar a construção do próprio “ser escritora” no tocante a Raquel de Queiroz e Conceição Evaristo, considerando também os desafios que, provavelmente, existiram para estas escritoras e ainda existem para as mulheres romperem com as barreiras do cânone literário. E desta maneira, esperamos contribuir, através do viés da Crítica Cultural, com os estudos de autoria feminina no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ivia. Escritoras do século XIX e a exclusão do cânone literário. In: ALVES, IVIA. MACEDO, Márcia. PASSOS, Elizabete.(Org.). *Metamorfoses: gênero nas perspectivas interdisciplinares*. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1998.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 37ªed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 303-491.
- CANDIDO, Antonio. CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. Vol III. Modernismo. 5. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1975.
- CATIZ – MONTORO, Carmem. Feminismo radical e o lugar da nova mestiça. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de. CAPELATO, Helena Rolim (Org.). *Relações de gênero e diversidades culturais nas Américas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, São Paulo: EDUSP, 1999.
- COMPANGNON, Antoine. A literatura. In: COMPANGNON, Antoine; MOURÃO, Cleonice Paes Barreto; SANTIAGO, Consuelo Fortes. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- CULLER, Jonathan. Literatura e Estudos Culturais. In: CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.
- FREITAS, Zilda de Oliveira. A literatura de autoria feminina. In: FERREIRA, Silvia Lúcia. NASCIMENTO, Enilda Rosendo (Org.). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/ UFBA, 2002.
- MARRECO, Maria Inês de Moraes. Investigando a história das mulheres. In: DUARTE, Constância Lima. DUARTE, Eduardo de Assis. ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Org.). *Falas do outro: literatura, gênero e etnicidade*. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010.

RAMALHO, Cristina. As faces líricas da escritora brasileira. In: ZONLIN, Lúcia Osama. GOMES, Carlos Magno. (Org.). *Deslocamentos da escritora brasileira*. Maringá: Eduem, 2011.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIN, José Luís. (Org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

WANDERLEY, Jorge. Literatura. In: JOBIN, José Luís (Org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

